

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho.
O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.

GT 18 - Psicologia Social Del Trabajo En América Latina: Identidades y procesos de subjetivación, salud de los trabajadores, prácticas y producción de sentidos en lo cotidiano.

Título do trabalho: Os Modos de Ser e de Fazer de um Grupo de Trabalhadores: Notas de Pesquisa

Nome(s) do autor - Alice Dias Paulino

Os Modos de Ser e de Fazer de um Grupo de Trabalhadores: Notas de Pesquisa

Resumo

O presente texto relata algumas conclusões obtidas em um universo específico de relações em um grupo de trabalhadores, e descreve o compromisso da pesquisadora-pesquisador no encontro etnográfico. Trago para esta discussão alguns pontos analisados no estudo de campo realizado entre 2010 e 2012, com os trabalhadores do Pró-Resíduos – Programa de Gerenciamento de Resíduos da Universidade Estadual de Maringá-Pr. Seguindo a orientação de que os fenômenos humanos são construídos nas relações e entre indivíduos que agregam significados aos de outros indivíduos, o ‘ponto de partida’ se configurou com referenciais das ciências sociais e humanas, articulados num diálogo entre a antropologia, a psicologia social e a sociologia. Essa prática investigativa trouxe um universo de importantes compreensões dos fatos e fenômenos intersubjetivos que vinculam as pessoas no mundo do trabalho, analisadas na relação trabalho-trabalhador em diferentes desdobramentos decorrentes de suas formas organizativas, de gestão e de relacionamento.

Palavras-chave: Trabalho. Identidades Psicossociais. Trabalhadores Liminares. Dinâmica Interacional. Encontro Etnográfico.

Resumo Expandido

Quando se parte da expectativa de averiguar os fatos/fenômenos da maneira em que são percebidos por quem os vivencia, em dado tempo e lugar, é possível identificar pontos prioritários envolvidos na construção social do ‘indivíduo’ e do ‘sujeito’, bem como, avaliar sobre a questão estrutural e estruturante de suas vidas em sociedade¹. A natureza desses estudos evoca constante desafio de unir diferentes olhares teóricos ao encontro de algumas informações do universo interacional, psicológico e social, de pessoas em seus contextos de trabalho, bem como, na escolha metodológica para conduzir a pesquisa em torno das vivências, das relações e identificações simbólicas² entre os trabalhadores.

Questões preliminares produzidas em torno da vida do grupo e de seus atores – ‘o que os unem’; ‘as contradições sociais que se apresentam’; ‘como as pessoas coexistem no sistema’; ‘como se organizam no cotidiano’, ‘que significados e simbolismos definem as pessoas no modo de agir individual e coletivamente’ –, formam um conjunto de pontos fundamentais para nortear a definição do referencial teórico de uma jornada empírica. Tais questionamentos produzem indispensáveis reflexões, tanto para a incursão no campo prático, quanto na definição dos procedimentos que vão compor a investigação.

No âmbito da pesquisa psicossocial desenvolvida, a escolha do processo de observação-participante como procedimento metodológico, proporcionou uma interação direta com os trabalhadores, num diálogo que permitiu ouvir e ser ouvida. Colher informações ‘face a face’ com cada um dos observados no cenário em que ocorriam as experiências, viabilizou conhecer as significações significativas a partir da ótica de quem as vivenciou, como é propósito do encontro etnográfico.

Conhecer *in loco* o ‘objeto’ de estudo passou a ser compromisso pessoal, no sentido de construir um conjunto de reflexões em torno da realidade de um grupo de trabalho – conhecer e compreender o modo como seus integrantes estruturavam o

¹ Na trajetória de pesquisa junto ao Pró-Resíduos – *Programa de Gerenciamento de Resíduos da Universidade Estadual de Maringá-PR*, algumas questões fundamentais analisadas no universo relacional deste grupo de trabalho, ajudaram-me a entender um pouco mais do tão complexo *mundo humano*, e reconhecer o quão extraordinários são os acontecimentos do *mundo social* (PAULINO, 2012a).

² A tradição do *Interacionismo Simbólico* retrata pressupostos da fenomenologia na interpretação dos contatos interacionais. O modelo segue a linha de pensamento sustentada pela Escola de Chicago, resultante do pensamento do grupo heterogêneo e interdisciplinar de pesquisa sociológica e psicossociológica (JOAS, 1996).

ambiente e as atividades, passando pelos vínculos, contradições e ambiguidades experienciadas. Guiada pelas premissas *deixe o seu objeto falar* e de que o *fenômeno psicológico é construído em dois mundos complementares* – o psicológico e o social –, conheci que cada local de trabalho e as suas respectivas atividades receberam ‘vida’ com as pessoas que ali estavam, numa ‘íntima’ relação entre a pessoa e aquilo que executava. O que as pessoas falavam ou pensavam que faziam, e o que realmente faziam, determinou a minha aproximação do núcleo essencial do fenômeno investigado – as relações simbólicas e identificatórias de um grupo liminar³.

Particularmente, a noção do liminar é entendida como parte essencial da experiência humana na consolidação da ação dos sujeitos. A condição liminar traz a hipótese de que se trata de momentos transformadores e modeladores na construção dos processos identificatórios. Ela é importante indicativo de uma dinâmica relacional que marca as mais profundas experiências para os sujeitos psicológicos e sociológicos.

Nas mais diversas relações do mundo do trabalho se anunciam o estado liminal. A maneira e a intensidade com que as interações ocorrem no universo trabalho-trabalhador, a vivência dos dramas e as tramas que o caracterizam, são os determinantes dos novos *significativos sentidos* de existência de cada um e, geralmente, acontecem carregados de tensão emocional. E foi a partir de um espaço *liminar*⁴, na dinamicidade e intencionalidade com que os fenômenos ocorrem nele, que muitas das questões do universo trabalho-trabalhador puderam ser melhores observadas e analisadas.

A considerar a modernidade e as relações contemporâneas ocidentais construídas sob a luz das convenções capital-mercado, cresce os chamados espaços *liminóides* que são produzidos nestas sociedades. A era moderna pressupõe a organização social regularizada na produção, com o sentido de coordenar a atividade humana entre máquinas, tecnologia, produção de bens e o consumo; traz em si condições liminares para pessoas e os grupos. Usando a ótica de Giddens (1991), os novos espaços de práticas sociais dão origem a uma nova reflexividade nas ações e relações humanas.

³ Usou-se como aporte de análise, a concepção liminar de Turner (1974, 2005). Enquanto uma forma de aproximação/separação de pessoas é um importante construto capaz de explicar diferentes condições de expressão da vida em sociedade que ocorrem em sistemas institucionalizados (DOUGLAS, 2007).

⁴ A considerar a natureza das atividades e a estrutura operacional, o PRORESÍDUOS é um local diferenciado daqueles instituídos para a produção acadêmica, ou mesmo dos diversos grupos de trabalho reconhecidos como parte integrante do ‘modelo produtivo’ de ensino, pesquisa e extensão de uma universidade.

São, portanto, esses contextos que possibilitam ver as questões humanas sob um olhar das infinitas relações contraditórias e paradoxais que cerca o mundo social – pessoas, trabalho, bens culturais, valores, mercado, classes sociais, códigos, territórios, lugares, e outras tantas dimensões, materiais ou imateriais, que personalizam e inserem as pessoas no mundo contemporâneo (PAULINO e BUENO, 2011). O trabalho de Victor Turner também discute a respeito das dificuldades em se recriar universos sociais e simbólicos no mundo contemporâneo, onde indivíduos se veem sozinhos e abandonados diante da responsabilidade de darem *sentidos* às suas vidas (DAWSEY, 2005).

No decorrer dos estudos e na abrangência dos fenômenos intersubjetivos, analisei o *jogo* das interações na complexidade inerente ao seu movimento. Constatei que nas relações interacionais estão envolvidos muitos elementos intercombinados; eles surgem, misturam-se entre as pessoas, e revelam o quão importantes são as relações no curso das ações humanas. E o próprio pesquisador, também integrante, está em seu movimento de mudança (de um novo *status*) compondo esse contexto. Esse intercâmbio faz lembrar de que toda ação de pesquisa é por si uma forma de intervenção e interação, onde se estabelece uma relação de interdependência simbólica no *jogo* relacional entre pesquisador e os atores sociais implicados no campo empírico. O ‘outro lado’ também é constituído por pessoas, sujeitos sociais, que pensam sentem e agem como o fazem, com semelhanças e diferentes entre si, uma relação que é preciso refletir.

Brandão (1987), assim como DaMatta (1978) e Cardoso de Oliveira (1998), relatam as dificuldades a serem vencidas em torno da etapa de averiguação que integra a atividade científica, o que demanda cuidados e procedimentos bem delineados que conduzam a trajetória de investigação para proteger o sujeito (pesquisador) de si próprio. As análises das relações acontecem em um contexto particular e com o esforço de se entender o outro (diferente), mesmo diante da impossibilidade de acesso pleno aos significados por quem que não é membro daquela cultura.

Na capacidade limitada para perceber e compreender ‘tudo’, ou ainda, da própria condição liminar enquanto pesquisadora realizei um *balanço de saída* acreditando que construir essa práxis ampliou minha lente de vida. Aprendi e apreendi algo mais sobre a vida vivida no bastidor e ‘entre mundos’.

Conceitos e concepções interdisciplinares que construíram a via teórica, foram fundamentais no suporte das análises e para reafirmar idéias em torno da existência de um grande cenário vivo e modificável, contextualizado e circunstancial, vividos pela classe

trabalhadora. *Espelhos e máscaras* (STRAUSS, 1999), o *jogo de luz e sombras* (COSTA, 2004; GONÇALVES FILHO, 2004), a imagem do *caleidoscópio e o jogo de espelhos* (CAYUBI, 2003), a *individualidade humana e os fenômenos psíquicos* (BARUS-MICHEL, 2004), os momentos de *diferenciação na vida social* (GOFMANN, 1988), o *percurso do reconhecimento como identificador* (RICOEUR, 2006), sustentaram as diversas discussões em torno da dinâmica desses trabalhadores.

As identidades pessoais e profissionais são reconhecidas em um espaço simbólico, que se torna um local ‘autenticador’ instituído coletivamente; assim o trabalho representa o lugar de significações significativas, onde se vive, se produz, se trocam experiências, e criam-se os *sentidos* de vida. A questão do reconhecimento se firma como a essência da identificação e para o processo da formação identitária no contexto de trabalho (PAULINO, 2012b).⁵

Verifiquei nesse *jogo* que nem sempre as interações são organizadas e equilibradas para seus participantes; reflexos das luzes e sombras estão cotidianamente nos fatos da vida social. Nasce daí as percepções diferenciadas entre os trabalhadores em conformidade com as atividades que ocupam no cotidiano. Por conseguinte, cada um espelha a imagem e o autoconceito que resulta dessas transações. Entender o percurso dessa dinâmica é entender que o *jogo* também anuncia ‘finais’ bons ou ruins, inerentes às condições do encontro e das ações entre seus agentes naquela realidade de trabalho.

Assim é a complexa unidade dialética entre o sujeito e o meio. Histórias de cada um se misturam às de todos, e carregam nelas os percursos das identidades, do reconhecimento de ‘si’ e do ‘outro’. Por consequência, articula o sujeito com seus mais diversos mundos, e ensina o que realmente significa a dialética ‘eu-nós’ – nos dramas inevitáveis das tramas, das muitas histórias e contextos, das emoções e sentimentos, alguns novos ou outros já experienciados.

Só se consegue apreender os *sentidos* (subjetivo) e significados (intersubjetivo) das ações sociais no campo relacional onde elas ocorrem – no residual das falas, nos gestos, nos comportamentos, nas interações e ações. Um reconhecimento particular que nas experiências há um *jogo* interacional de muitos resultados, ‘para mais ou para menos’.

⁵ A recente discussão teórica abrange o vivido social de alguns trabalhadores do aterro de Gramacho-RJ, onde *sentidos* e significados nascem pela forma com que o indivíduo interage consigo e com outros, combinando a reciprocidade da ação social, o contínuo processo de mudanças, e recombina histórias pessoais no surgimento de novas identidades e papéis sociais.

Referências

- BARUS-MICHEL, Jacqueline. **O Sujeito Social**. Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2004, capítulos 1 e 2.
- BRANDÃO, Carlos. (Org). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CAIUBY, Sylvia Novaes. “Introdução” e “A Identidade no Sentido Amplo – O Outro como Modelo”. In **Jogo de Espelhos: Imagens da Representação de si através dos outros**. São Paulo: EdUSP, 1993, p. 22-33 e 60-74.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir e escrever (cap.1). In **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da UNESP, 1998, p. 16-35.
- COSTA, Fernando Braga. **Homens Invisíveis: Relatos de uma Humilhação Social**, São Paulo, Globo, 2004.
- DaMATTA, Roberto. “O Ofício de Etnólogo, ou como ter 'Anthropological Blues’”. In: Nunes, E.O. (org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 23-35.
- DAWSEY, John C. **Victor Turner e Antropologia da Experiência**. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 13, p. 162-176, 2005.
- DOUGLAS, Mary. **Como as Instituições Pensam**. São Paulo: EdUSP, 2007.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Trad. P. Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma - Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**, Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GONÇALVES FILHO, José Moura. A invisibilidade pública (prefácio) In: COSTA, Fernando Braga. **Homens Invisíveis: Relatos de uma Humilhação Social**. São Paulo: Globo, 2004.
- JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, A. e TURNER, J. (org.). **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Unesp, 1999, p. 127-174.
- PAULINO, Alice Dias; BUENO, Zuleika P. **A liminaridade nas relações de trabalho contemporâneas**. Revista UNIFAMMA (ISSN 1677/8308). Vol. 10, No.1, Nov. 2011, p. 52 a 64.
- PAULINO, Alice Dias. **Os modos de Ser e de Fazer: As Relações Simbólicas Entre os Trabalhadores do Pró-Resíduos da Universidade Estadual de Maringá-Pr**. 163f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Maringá-Pr. 2012a.
- _____. **No Lixo Extraordinário: Novos Status, Novas Identidades**. Congresso Internacional de Psicologia - Universidade Estadual de Maringá-Pr. Anais on-line do 5º CIPSI. 2012b. Disponível em [<http://www.eventos.uem.br/index.php/cipsi/2012/schedConf/presentations>].
- RICOEUR, Paul. **Percurso do Reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.
- STRAUSS, Anselm L. **Espelhos e Máscaras: A Busca de Identidade**. (trad. SOUZA, Geraldo Gerson de). São Paulo: EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- TURNER, Victor. Betwixt and Between: o período liminar nos ritos de passagem. In **Floresta de Símbolos**, Niterói: EdUFF, p. 137-158. 2005.
- TURNER, Victor. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974